

SÓCRATES:

Agora pega esta coroa.

ESTREPSÍADES:

Por que a coroa? Ai de mim, Sócrates, não me digas que ireis me sacrificar como Atamante²²!

SÓCRATES:

Não; isso tudo são coisas queque fazemos com os que estão sendo iniciados.

ESTREPSÍADES:

E eu, que ganho com isso?

SÓCRATES:

[260] Darás nó em pingo d'água, te tornarás uma matraca, biscoito fino. Mas fica quieto.

ESTREPSÍADES (*coberto de farinha por Sócrates*):

Por Zeus! Não vais me enganar: enfarinhado assim, vou me tornar um biscoito fino!

SÓCRATES:

Mister é que o velho homem guarde sacro silêncio e que escute a minha prece. Ó rei soberano, imensurável Ar, que mantém a terra suspensa, [265] e brilhoso Éter, e augustas deusas, as Nuvens, que enviam raios e trovões, subi, apareci no ar, ó senhoras, a este pensador!

ESTREPSÍADES:

Ainda não, ainda não, até que eu me tape para não me molhar. Que azar! Saí de casa sem uma capa!

²² Há possivelmente uma referência a uma tragédia perdida de Sófocles, *Atamante Coroado*, em que Atamante, casado com Néfele (Nuvem), quase é sacrificado.

SÓCRATES:

Então vinde, multi-honoráveis Nuvens, e mostrai-vos para este homem. Quer estejais sentadas nos cumes sagrados cobertos de neve do Olimpo, [270] quer nos jardins do Pai Oceano formeis sagrada dança com as Ninfas, quer retireis vossas águas das pias douradas das torrentes do Nilo, quer habiteis o lago Meótis, ou a rocha nevada de Mimas: escutai a minha prece, e recebei meu sacrifício, e sejais favoráveis aos ritos sagrados.

CORO:

[275] Eternas Nuvens, esplêndidas por nossa brilhante natureza orvalhada, elevemo-nos do ruidoso Pai Oceano para os picos das altas montanhas frondosas [280], para daí observarmos os cumes recortados no horizonte, e as frutas, e a sagrada terra irrigada, e os sons dos rios sagrados, e os rugidos ruidosos do mar; [285] e o incansável olho do Éter cintila com seus raios reluzentes. Dissipemos a nuvem aguada de nossas imortais formas e examinemos [290] a terra com olhos que veem longe.

SÓCRATES:

Ó grandemente veneráveis Nuvens, escutastes-me claramente clamar. (Fala para Estrepsíades) Ouviste a voz e o trovão que caiu ao mesmo tempo, temido como um deus?

ESTREPSÍADES:

Também vos venero, ó multi-honoráveis, e estou com vontade de peidar para os trovões; estou tremendo e morrendo de medo! [295] Se é lícito, aqui vai um pum; se não é lícito, quero cagar!

SÓCRATES:

Não zombes, nem faças o que fazem esses poetas tragicômicos, mas guarda silêncio: um grande enxame de deusas está em movimento com suas canções.

Luciano Heidrich Bisol, versos 298 a 456

CORO:

Ó virgens trazedoras da chuva, vamos ao reluzente solo de Palas, para

ver a muito amada terra [300] de Cécrope²³, geradora de bons homens, onde há reverência aos ritos ocultos e onde está a casa que recebe os iniciados nos sacros mistérios; [305] onde há para os deuses celestes oferendas, e templos de altas abóbodas e estátuas, e procissões abençoadas e bem-coroadas festas com sacrifícios aos sacros deuses [310] em todas as estações; e, na primavera, há a festa para Bromo, com provocações de coros afinados acompanhados pelo som grave dos aulos²⁴.

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, te imploro, ó Sócrates, diz quem são estas que [315] cantam esse hino sagrado? São heroínas?

SÓCRATES:

Não, são as Nuvens do céu, grandes divindades para os homens ociosos. Elas nos dão o pensamento, a capacidade de falar e a inteligência, o assombro e a circunlocução, o embate e a compreensão.

ESTREPSÍADES:

Por ouvir essa voz minha alma se alça voo, [320] e já procura discutir sutilezas, falar sobre a fumaça; também contradizer e opor argumentos contra argumentos. Assim, desejo vê-las pessoalmente, se for possível.

SÓCRATES:

Olha agora para o Parnaso. Pois já as enxergo descendo calmamente.

ESTREPSÍADES:

Onde? Me mostra!

SÓCRATES:

Elas vêm em grande número descendo obliquamente pelos vales e bosques.

²³ Mítico primeiro rei de Atenas, metade homem e metade serpente, nascido da terra.

²⁴ Instrumento de sopro composto por uma flauta dupla.

ESTREPSÍADES:

Que troço é esse? Eu não vejo.

SÓCRATES:

Perto da entrada.

ESTREPSÍADES:

Ah, com esforço começo a avistá-las.

SÓCRATES:

Agora as verás perfeitamente, se não tens remela nos olhos.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus, agora eu as enxergo, as muito honradas Nuvens, pois já ocupam todo o espaço.

SÓCRATES:

Tu não sabias que eram deusas nem acreditava nelas?

ESTREPSÍADES:

[330] Não, por Zeus! Mas considerava que fossem névoa, orvalho e fumaça.

SÓCRATES:

Pois não sabes, por Zeus, que elas alimentam a muitos sofistas²⁵, aos adivinhos de Túrios²⁶, aos mestres da medicina, aos caipiras cabeludos preguiçosos preocupados com seus anéis de ônix e suas unhas, aos cantores de música torta para coros cíclicos e aos astrônomos charlatães; a todos esses que não trabalham a terra, alimentam porque as celebram em seus cantos.

²⁵ O termo *sophistês*, à época de Aristófanes, ainda podia significar "instrutor de uma arte" e ser aplicado a poetas e músicos. A presente passagem pode ser o mais antigo exemplo de uso do termo com o sentido pejorativo de "instrutor de habilidade supérflua, enganador".

²⁶ A fundação da colônia Ateniense de Túrios (entre 446 e 443 a.C.), a sudeste da Península Itálica, foi ocasião de muitas adivinhações e profecias.

ESTREPSÍADES:

[335] É por isso que cantavam “o ímpeto veloz das úmidas Nuvens que lançam raios ziguezagueantes”, “os cabelos eriçados de Tífon de cem cabeças”, e “os ciclones violentos”, e depois os “úmidos aéreos”, e “as aduncas aves de rapina que cortam o ar”, e “as torrentes de chuva das nuvens molhadas”²⁷. Como recompensa por estes cantos, devoram as maiores e melhores fatias da carne de tordo.

SÓCRATES:

[340] Mas não é justo que eles tenham sua recompensa por cantarem para elas?

ESTREPSÍADES:

Mas me diz: o que lhes aconteceu, se é que são nuvens mesmo, para se parecem com mulheres mortais? Porque aquelas ali não são assim <como as nuvens que conheço>.

SÓCRATES:

Qual a natureza delas?

ESTREPSÍADES:

Não distingo claramente o que são: agora se parecem com algodões voadores, e não com mulheres, por Zeus, pois essas possuem narizes.

SÓCRATES:

[345] Responde agora o que te eu perguntar.

ESTREPSÍADES:

Diz logo o que desejas.

SÓCRATES:

Acaso já avistaste nuvens em forma de centauro, de leopardo, de lobo, ou de touro?

²⁷ Estrepsíades parodia o estilo de poetas líricos como Simônides, Píndaro e Baquilides.

ESTREPSÍADES:

Eu já vi, por Zeus, mas o que significa isso?

SÓCRATES:

Elas se transformam em tudo o que querem. E se elas veem alguém com longos cabelos, um selvagem desgrenhado como o filho de Xenofante, [350] gozam da loucura dele e se transformam em centauros.

ESTREPSÍADES:

E se avistam Simon, o ladrão do tesouro público, o que fazem?

SÓCRATES:

Para revelar sua natureza, tomam a forma de lobos.

ESTREPSÍADES:

Por isso, então, ontem, quando viram Cleônimo, o desertor, ao avistar o covarde tomaram a forma de veados.

SÓCRATES:

[355] E agora que viram Clístenes, tomam a forma de mulheres, estás vendo?

ESTREPSÍADES:

Salve, ó senhoras! Agora, se alguma vez já o fizestes para outro mortal, sobre mim também derramai vossa voz celestial, ó senhoras de tudo.

CORO:

Salve, ó ancião de muitos anos, caçador dos discursos cheios de arte, E tu, sacerdote das bobagens mais sutis, mostra-nos o que desejas. [360] Pois a nenhum outro sofista astrônomo escutamos com tanto prazer como a ti, exceto a Pródico, devido a sua sabedoria e conhecimento; mas a ti ouvimos pela arrogância com que andas nas ruas, dirigindo teu olhar para o alto, e por todo o sofrimento em andar sempre com os pés descalços, dirigindo a nós tua figura imponente.

ESTREPSÍADES:

Ó Terra, que voz! Como é sagrada, venerável e maravilhosa!

SÓCRATES:

[365] Elas são as únicas deusas que existem, todas as outras são tolices.

ESTREPSÍADES:

Pela Terra! Zeus Olímpio não é um deus para vós?

SÓCRATES:

Que Zeus? Não sejas bobo. Não existe Zeus.

ESTREPSÍADES:

O que dizes? Mas quem é que faz chover? Revela-me isto antes de tudo.

SÓCRATES:

São elas, certamente. Vou ensinar-te com grandes evidências. [370] Responde, já viste alguma vez chover sem nuvens? Fosse Zeus, deveria chover com tempo bom também, quando elas estão longe.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Apolo. Teu argumento me convence bem. Antes acreditava que, para chover, Zeus fazia xixi em uma peneira. Mas me diz: o que é o trovão? Ele me faz tremer.

SÓCRATES:

[375] Elas trovejam quando giram.

ESTREPSÍADES:

De que maneira, ó muito ousado?

SÓCRATES:

Quando ficam cheias de muita água e necessitam se mover, precisam ir para baixo, cheias de chuva; elas caem pesadas umas sobre as outras, colidem e se rompem com explosão.

ESTREPSÍADES:

E quem é que as obriga a moverem-se, não é Zeus?

SÓCRATES:

[380] Não, mas o Vórtex²⁸ do céu.

ESTREPSÍADES:

Vórtex? Eu não sabia que Zeus não existia, e sim um Vórtex é que reinava. Mas ainda não me ensinaste sobre a explosão e o trovão.

SÓCRATES:

Não me escutaste falar que as nuvens cheias de água caem umas sobre as outras e se rompem devido à sua densidade?

ESTREPSÍADES:

[385] Vamos! Como posso acreditar nisso?

SÓCRATES:

Eu vou te ensinar a partir de ti próprio. Quando te enches de sopa nas Panateneias²⁹, não ficas com dor na barriga e então ela de repente faz um barulho violento.

²⁸ O termo vórtex (*dínos*) diz respeito a diversas teorias gregas da formação do universo. Empédocles utilizou *díne* para demonstrar que o céu rodava em alta velocidade ao redor da Terra. Anaxágoras estabeleceu o postulado da rotação como princípio universal, mas utilizou o termo *perikhorein*. A rotação foi ainda fundamental para os atomistas Leucipo, Demócrito e Antífon que também usaram o termo *dínos*. Para a audiência de Aristófanes, *dínos* significava ainda uma espécie de vasilha.

²⁹ Festival público ateniense em honra da deusa Atena. As "pequenas" Panateneias ocorriam anualmente e as "grandes" Panateneias, uma vez a cada quatro anos. A festa era ocasião de muitos sacrifícios de animais e grande comilança de carne e de caldos.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Apolo! E em seguida ela me atormenta e se agita como se o molho fosse um trovão e estoura: [390] primeiro faz pa-pax, pa-pax; para então fazer pa-pa-pax; e quando alivia troveja: pa-pa-pa-pax, exatamente como as nuvens.

SÓCRATES:

Observa então o estrondo que tu produziste com uma barriga tão pequena: o ar sendo tão imenso, como não faria um trovão enorme? E é por isso que as palavras “trovão” e “peidão” são parecidas.

ESTREPSÍADES:

[395] Mas de onde vem o raio resplendente com fogo? Ensina-me! Ele reduz a cinza quem atinge, e chamusca os que sobrevivem. É certamente Zeus quem lança os raios contra os perjuros.

SÓCRATES:

Então como, imbecil com cheiro de tempos remotos e lunático? Se ele castiga os perjuros, porque não fulminou Simon, [400] nem Cleônimo, nem Téoro? Pois eles são bastante perjuros. Ao invés disso, destruiu seu próprio templo e o promontório de Atenas em Súnio³⁰, e as grandes árvores. Por quê? Pois uma árvore nunca é mentirosa.

ESTREPSÍADES:

Não sei. Mas tu parece falar bem. O que é, pois, o raio?

SÓCRATES:

Quando um vento seco sobe e encerra-se [405] dentro das nuvens, ele as infla por dentro como uma bexiga. Depois, por necessidade, expele violentamente para fora o que carrega devido à densidade. A força estrondosa que libera faz com que ele incendeie a si mesmo.

³⁰ Localizado no extremo sul da Península Ática, o cabo de Súnio abrigou o grandioso templo de Poseidon, e um templo menor e mais antigo dedicado a Atena. Ambos foram destruídos em 480 na segunda Guerra Médica e reerguidos por Péricles em meados do século quinto.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus! Aconteceu-me exatamente isto certa vez nas Diásias³¹. Eu assava um mondongo para os meus parentes, mas não o abri corretamente. [410] E ele inchou muito. Então, de repente, explodiu bem no meu olho e queimou completamente meu rosto.

CORO (para Estrepsíades):

Ó homem desejoso de nossa grande sabedoria, venturoso serás entre os Atenienses e os demais Gregos se tiveres memória, preocupação e [415] sofrimento na alma; se não te cansares nem parado nem andando, nem no frio mais penoso; se não desejares almoçar e te abstiveres do vinho, praticares ginástica e outros exercícios; e considerares isso a maior qualidade que cabe a um homem direito; e se venceres no trabalho, no conselho e nos embates da língua.

ESTREPSÍADES:

[420] Se for preciso uma alma sólida, que dorme descontente e inquieta, acostumada com a pobreza, e um estômago desgastado por ervas amargas, tranquilamente podeis contar comigo: minha coragem é forjada em bronze.

SÓCRATES:

Então, agora não reconhecerás outros deuses senão os nossos: esse Caos, as Nuvens e a Língua, somente esses três.

ESTREPSÍADES:

[425] Não falarei com outros, nem mesmo se os encontrar; não lhes farei sacrifícios nem libações, nem oferecerei incensos.

CORO:

Diz corajosamente o que desejas de nós, pois não ficarás sem sorte se nos honrares, admirares e procurares ser um homem direito.

ESTREPSÍADES:

Ó senhoras, peço-vos algo muito pequeno: ser o melhor orador [430] dentre

³¹ Festival em honra a Zeus de grande importância para os Atenienses, realizado na segunda metade do mês de Antestérion (janeiro/ fevereiro).

os gregos, mil quilómetros à frente dos outros.

CORO:

Conseguirá de nós o que desejas: no tempo que virá, ninguém terá mais vitórias nas assembleias do que tu.

ESTREPSÍADES:

Não quero dizer grandes sentenças, não desejo isso. Quero apenas perverter a justiça a meu favor e escapar dos credores.

CORO:

[435] Obterás então o que desejas: pois não solicitas grande coisa. Mas deverás entregar-te sem medo às mãos de um de nossos sacerdotes.

ESTREPSÍADES:

Farei o que vós solicitais, pois a necessidade me obriga por causa dos cavalos puro-sangue e do casamento que me arruinou. Agora deixo que elas me usem como quiserem; [440] entrego o meu corpo para golparem, para passar fome, sede, ficar esquelético, passar frio, esfolar minha pele. E, se for preciso, para que eu escape das dívidas, que eu tenha fama de homem [445] atrevido, caloteiro, audacioso, valentão, sem vergonha, forjador de mentiras, tagarela, frequentador de tribunal, tábua de leis, adulator, raposa, furão, cordão maleável, fingido, grudento, impostor, ferrão de abelha, [450] impuro, esquivo, penoso, lixo. Se me chamarem de tudo isso, quando me encontrarem, podem fazer comigo o que bem entenderem. E se desejarem, [455] por Deméter, arranquem meus intestinos e os sirvam aos pensadores.

Versos 457 a 594, Cesar Lopes Gemelli

CORO:

É determinação que está mesmo presente neste aí, covardia não, mas coragem! Sabe, então, que [460], depois de aprenderes comigo essas coisas, terás glória celestial entre os mortais³².

³² *Ouranomékes* ("alto como o céu"), segundo Dover (p. 160), é um conceito homérico (cf. *Iliada*, VIII, v. 192).

ESTREPSÍADES:

O que ganharei com isso³³?

CORO:

Durante todo o tempo comigo, [465] viverás a vida mais invejável dentre os homens.

ESTREPSÍADES:

Será mesmo que eu verei isso um dia?

CORO:

Dessa forma, à tua porta, sempre haverá muitos [470] querendo te consultar e te ouvir sobre ações e acusações que valerão muitos talentos devido à tua inteligência, [475] a fim de se aconselharem contigo. (*Para Sócrates*) E tu tenta expor ao velho o que vais ensinar, esquadrinha a mente dele e testa sua inteligência.

SÓCRATES:

Então vamos, me conta qual é teu tipo, para que eu, conhecendo-o, possa [480] agora mesmo apresentar-te maquinações novas para os teus problemas.

ESTREPSÍADES:

Quê? Pretendes me sitiar, pelos deuses?

SÓCRATES:

Não, mas quero ouvir umas breves palavras de ti: se tens boa memória, por exemplo.

ESTREPSÍADES:

Sim e não, por Zeus! Se alguém está me devendo, lembro perfeitamente,

³³ Dover (p. 160) comenta que o uso de *peisomai* (literalmente, "sofrerei", "experimentarei") é esperançoso, e não apreensivo. Ainda segundo o autor, o termo tem relação com o vocabulário legal como o encontrado em contratos e tratados, sendo assim menos poético do que se julgava anteriormente.